

Uma nota sobre o inconsciente em psicanálise (S. Freud, 1912)

Artigo tão sintético quando profundo, talvez seja o que melhor elucide os aspectos centrais da primeira tópica. A sua leitura pode ser complementada por “O inconsciente”, escrito três anos depois, e que faz parte do que se conhece como “metapsicologia psicanalítica” (melhor seria dizer: epistemologia).

Freud propõe três acepções (conotações) relacionadas ao termo inconsciente. A primeira, descritiva, era utilizada anteriormente à psicanálise (e continua sendo empregada na perspectiva organicista). A psicanálise propõe uma primeira modificação em relação à acepção descritiva, consubstanciada na hipótese de que as representações (idéias e afetos) inconscientes são ativas (e não inócuas).

Na acepção dinâmica, o termo inconsciente é usado enquanto adjetivo (por ex.: “representações inconscientes”).

A última acepção descreve o inconsciente enquanto sistema e não apenas propriedade. O termo é empregado como substantivo. (por ex. “O inconsciente é responsável pela elaboração onírica”).

I – A acepção descritiva

É atribuída por Freud à filosofia da sua época. Bem entendido, à filosofia interessada por certos fenômenos hoje considerados pertencentes ao campo da psicologia e das neurociências, como a memória.

Uma representação (idéia), ao ‘ausentar-se’ da consciência, permaneceria latente [1], possivelmente em estado puramente fisiológico (“*disposição física para a repetição do mesmo fenômeno psíquico, isto é, da dita concepção*”). Assim, a biologia seria chamada a explicar um fenômeno pertencente ao campo da psicologia, a saber, o fato de que uma mesma representação pode manter suas características, quer ocupe o espaço da consciência, quer desapareça momentaneamente, quer retorne sob a mesma forma, sem qualquer modificação.

Segundo essa acepção, chamada de descritiva, porque se atém à sensação provocada pela alternância entre presença e ausência, as idéias (representações), quando inconscientes, são inativas, somente podendo gerar comportamentos na medida em que são conscientes.

II – A acepção dinâmica

Entretanto, diz Freud, a sugestão pós-hipnótica contraria a suposição de que as idéias inconscientes são inativas. Ele refere o ‘experimento’ de Bernheim, que pede a um paciente a realização de determinado comportamento após emergir do transe hipnótico em que se encontrava quando Bernheim profere a ordem em questão, que é efetivamente cumprida. O paciente primeiramente explica o seu comportamento (abrir a janela da enfermaria)

alegando outras razões, mas finalmente se lembra da idéia proferida imperativamente (“levantar-se do leito e abra a janela”), embora não consiga recordar-se da situação subjacente – nem o fato de encontrar-se hipnotizado nem que o autor da ordem fora o médico.

Freud então extrai a conclusão de que uma idéia pode ser inconsciente e ativa ao mesmo tempo. Aplica essa concepção à compreensão dos sintomas neuróticos e postula que os mesmos se explicam por uma “ordem” (seria melhor designá-la por “crença” ou “fantasia”, inconsciente), que se impõe à consciência, ocasionando determinado comportamento.

Assim, exemplifica, uma mulher poderia ter vômitos não causados por intoxicação ou qualquer outro fator fisiológico, mas unicamente devido à crença de estar grávida. Um ataque histérico, sem que a pessoa tenha consciência disso, reproduz uma situação de intenso significado afetivo. Rituais obsessivos ou fobias representariam igualmente a presença de crenças inconscientes, traduzidas em sintomas.

Duas objeções poderiam ser apresentadas a essa hipótese. Uma delas é exemplificada por estudos clínicos relacionados ao fenômeno da “dupla personalidade”. (No texto, o exemplo é o caso de Félida X, em que a paciente oscila entre um padrão de comportamento caracterizado por introversão, reserva, recato, e outro, exatamente oposto; a literatura e o cinema trataram do tema, cf. “As três máscaras de Eva”).

A objeção se refere ao uso do termo ‘inconsciente’, postulando que seria mais adequado propor a alternância de personalidades conscientes. Freud contra-argumenta: supor uma consciência que não é consciente seria uma contradição em termos. Para evitar o termo ‘inconsciente’ (cujo teor seria inaceitável para determinadas correntes filosóficas, que equiparam psiquismo a consciência) se incorreria num malabarismo supostamente lógico.

A segunda crítica assinalaria que a generalização do conceito “inconsciente” incorreria no erro de atribuir ao comportamento normal algo característico do patológico. Freud assinala que o ‘ato falho’ (ou parapraxia) demonstra que as ações causadas por idéias inconscientes ocorrem em toda e qualquer pessoa. O sonho, acrescenta, confirma esse raciocínio e permite chegar a uma nova concepção de inconsciente, ainda mais surpreendente.

A proposta de Freud é que a acepção descritiva do termo inconsciente passe a ser designada pela expressão pré-consciente. As idéias pré-conscientes são equivalentes a uma memória cujo acesso à consciência depende apenas da vontade. Diferentemente, as idéias inconscientes só chegariam à consciência se a resistência que impede seu acesso for superada.

Caso isso não aconteça, as idéias inconscientes sofreriam um “deslocamento”, ou seja, uma modificação, que lhes daria o passaporte para a consciência desde que adotassem outra identidade. As idéias inconscientes, impossibilitadas pela resistência de aceder à consciência, assumiriam uma forma aceitável para a consciência, mas, em compensação, esse disfarce ocasionaria alguma forma de desconforto ou sofrimento. Desde o sintoma (obsessivo, histérico, fóbico, ou ligado à estrutura perversa: sado-masiquismo, voyeurismo, exibicionismo, etc.), até sentimentos como ansiedade, culpa, inibição, insegurança, o deslocamento resultaria numa troca: para não saber algo que nos incomoda, viveríamos

sensações de desprazer e, sobretudo, perda de algum grau de liberdade, perda de algum grau de escolha.

Em acréscimo, Freud escreve que toda idéia é produzida inconscientemente, podendo ou não passar para a consciência dependendo de sua relação com a auto-imagem (cuja preservação, associada à escala de valores em vigor, motiva as operações de “censura”). Se for detida pela resistência, originará o deslocamento expresso pelo conflito, caso contrário terá acesso à consciência e oscilará entre o pré-consciente e a consciência.

III – A acepção sistemática

Tem por base o que foi possível descobrir graças ao estudo dos sonhos. Esse fenômeno, desprezado pela ciência oficial, forneceu a Freud as evidências necessárias à constatação de que a acepção mais importante do termo inconsciente é sua existência enquanto sistema, que formaria, juntamente com a consciência, a estrutura psíquica.

O sonho mostraria como é possível a produção psíquica sem qualquer participação consciente. A consciência, no sonho, aparece como uma espécie de tela em que são projetadas as imagens (eventualmente verbais, mas geralmente pictóricas) produzidas nessa “outra cena”.

O sonho independe da vontade e não obedece a qualquer forma de controle. Segundo Freud, o sonho é elaborado graças à “captura”, por parte do inconsciente, de lembranças relacionadas a impressões quotidianas (os “restos diurnos”), que podem consistir inclusive de recordações sobre eventos passados (e que inclusive podem ter acontecido há muito tempo, mas que no dia do sonho, de alguma forma, foram evocados).

Seria talvez mais exato dizer que as próprias vivências quotidianas já são determinadas pela estrutura inconsciente (ou seja, buscaríamos as situações que vivenciamos quotidianamente, ou interpretaríamos as que parecem “impostas” pelas circunstâncias, de acordo com a nossa personalidade, cuja dimensão determinante seria inconsciente).

Se essa concepção for plausível, a consciência seria o lugar em que as determinações inconscientes são representadas, embora a consciência também possa ‘retroagir’ sobre o que é inconsciente, aumentando o grau de liberdade na medida em que a determinação inconsciente deixa de ter um caráter obrigatório (quer manifesto pelo medo face ao objeto de desejo, que tipifica o conflito neurótico, quer enquanto compulsão à transgressão, que tipifica o conflito perverso, caracterizado pela dependência, expressa pela alternância dominação/competição).

O sonho retrata um psiquismo dividido entre a produção inconsciente e o produto consciente, bem como a possibilidade da consciência tornar-se ativa em relação ao que a determina, aumentando o grau de escolha (grau de liberdade), mas sem que a divisão (inconsciente-consciência) possa ser eliminada.

[1] Hoje poderia ser empregada como analogia a expressão “stand by”.

www.franklingoldgrub.com